Entre Fundamentos de Baixa e Suportes de Risco: O Dilema das Cotações do Café em 2026

Apesar do viés baixista ocasionado pelas perspectivas otimistas para a safra brasileira, o mercado encontrou suporte nos prêmios contra o risco logístico e financeiro incorporados nas cotações do café em função do conflito no Oriente Médio. A desvalorização do dólar é outro fator que também sustenta as cotações nas principais Bolsas de café do mundo. Contudo, ambos fatores não permitem muita previsibilidade, diferentemente do volume da safra brasileira, que se torna cada vez mais evidente. Desta forma, é vital lembrar que os fundamentos de oferta e demanda dificilmente são superados por outras variáveis e que, no período de transição para a nova safra no Brasil, o mercado pode sofrer pressões adicionais. Fatores altistas: O USDA revisou o consumo global para cima em 4,49 milhões de sacas, deixando os estoques de passagem do ciclo 2025/26 em patamares alarmantes, incapazes de suprir sequer um mês e meio do consumo mundial, tornando os preços altamente sensíveis a qualquer adversidade climática; receios diante os riscos que o inverno brasileiro traz; recuo das exportações brasileiras de 27,3% nos dois primeiros meses de 2026; comercialização da safra brasileira 2025/26 mais lenta dá sustentação no físico à vista; disponibilidade limitada na Colômbia; prêmio de risco embutido nos preços do café em função do conflito no Oriente Médio; dólar enfraquecido dá sustentação para os preços nas Bolsas. Fatores baixistas: a iminência de uma safra recorde no Brasil, cujas projeções existentes vêm sendo elevadas devido às condições climáticas favoráveis; padrão de preços invertido nas Bolsas e nos diferenciais de base (FOB Santos vs. ICE Fut. US), com os vencimentos curtos e o disponível valorizados frente aos futuros, o que reforça o cenário baixista, principalmente para o 2º semestre de 2026; posicionamento mais comedido do produtor em vender dá sustentação para o mercado spot (à vista), mas pode pesar na boca da safra se ocasionar aumento de oferta; as cotações dos Canephoras sofrem maior pressão com o avanço das colheitas no Brasil e na Indonésia, somado ao aumento de 14% nas exportações do Vietnã no primeiro trimestre de 2026; para os preços no mercado físico interno, a desvalorização do dólar (hoje abaixo de R$ 5,15) pesa contra; apesar da manutenção dos prêmios logísticos e financeiros nos preços do café, a instabilidade no Oriente Médio e os juros altos elevam a volatilidade cambial e a aversão ao risco, criando um cenário de pressão sobre os preços do café; tecnicamente (análise gráfica), café perdeu força e segue com viés de baixa.



Fechamentos - 1º trimestre de 2026

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA 1º TRIMESTRE
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$1.900,00	R$2.400,00	R$2.050,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$1.800,00	R$2.300,00	R$1.950,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$1.250,00	R$1.600,00	R$1.350,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R$/sc)	R$910,00	R$1.250,00	R$910,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	278,05	355,05	298,35
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	3.419,00	4.192,00	3.493,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R$	R$ 5,1382	R$ 5,4372	R$ 5,2194

Fontes: Principais praças de café, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: maio/2026

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No 1º trimestre de 20026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu a máxima de 363,30 cents/lb, não esboçando força para ir além desse nível. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), chegou a ser negociado na máxima de USD 4.248,00/ton e, de modo similar ao Arábica, também não esboçou força para atingir níveis superiores a este. Apesar de um trimestre com forte viés baixista, alguns fatores minaram quedas mais acentuadas, propondo, inclusive, uma recuperação acima de 6% durante o mês de março na Bolsa de NY, o que não ocorreu na Bolsa de Londres cujas cotações sofrem maior pressão diante a chegada da safra da Indonésia e do Brasil (para os Canephoras) e um maior fluxo de abastecimento do Vietnã.

No 1º trimestre de 2026, apesar de diversas estimativas da safra brasileira de 2026 exercerem forte pressão sobre os preços do café, o relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), com a revisão dos dados de produção, exportações, importações, consumo e estoques finais globais do ciclo que se encerra esse ano (2025/26) seguiram como fatores de sustentação, sobre tudo no mês de janeiro quando, tanto as cotações da Bolsa de NY como as da Bolsa de Londres esboçaram um estancamento dos movimentos baixistas, com leve viés de recuperação, o que acabou não se sustentando em seguida devido ao aos vetores de queda apresentados também neste relatório de mercado. Apesar do incremento apontado na produção global, ainda assim, no contexto geral, os dados do relatório do USDA, do mês de dezembro/25, podem ser considerados altistas devido a um incremento substancial na demanda que, ao final do atual ciclo, culminará em estoques de passagem mais críticos do que aqueles previstos pela Entidade em seu relatório de junho/25. De acordo com a revisão do USDA, a safra mundial de café 2025/26 deverá alcançar o recorde de 178,85 milhões de sacas, um incremento de 3,53 milhões em relação ao ciclo anterior e de 0,17 milhão com relação à sua publicação anterior. É válido lembrar que, no novo relatório do USDA, enquanto o Arábica apresenta uma quebra de -4,69 milhões de sacas (saindo de 100,20 milhões de sacas 2024/25 para 95,52 milhões de sacas 2025/26), os Canephoras apresentam um incremento de 8,22 milhões de sacas (saindo de 75,11 milhões de sacas 2024/25 para 83,33 milhões de sacas 2025/26), o que evidencia que, da safra brasileira de 2025, os Arábicas representam 53,41% enquanto os Canephoras equivalem a 46,59%, fato que

também justifica a queda mais acentuada nos preços dos Canephoras. No contexto da safra global 2025/26, o incremento de 3,53 milhões de sacas foi impulsionado pela recuperação da produção no Vietnã e pelas safras recordes na Indonésia e Etiópia, que compensaram as perdas registradas no Brasil e na Colômbia. Em termos de comércio global, o volume exportado deve saltar para 150,10 milhões de sacas, ao passo que as importações devem se consolidar em 143,94 milhões. Apesar da maior oferta, o consumo também apresentou incremento e deve atingir o recorde de 173,85 milhões de sacas, pressionando ainda mais os estoques finais, que devem recuar pelo quinto ano consecutivo, atingindo a mínima de 20,15 milhões de sacas. Se a relação estoque/consumo de 13,47% prevista em junho/25 já despertava cautela, o recuo para os níveis de 11,59% é alarmante, sendo insuficiente para cobrir sequer um mês e meio do consumo global. Nesse cenário, qualquer adversidade climática poderá alterar abruptamente a tendência de preços, impulsionando-os a novos patamares.

Além disso, novos estudos do USDA, com dados específicos de consumo também pesam a favor dos preços. Um estudo publicado em janeiro/26 sobre o consumo chinês de café aponta um incremento na demanda de quase 150% na última década. A expectativa é de que o crescimento do consumo se mantenha forte, em torno de 15% ao ano, refletindo a crescente demanda por grãos especiais de alta qualidade, variedades distintas e produtos de café premium, o que, consequentemente, posiciona a China entre os mercados de café de crescimento mais rápido do mundo. O comércio eletrônico continua sendo um importante canal de distribuição potencial para grãos especiais de alta qualidade, que são vendidos diretamente para pequenas empresas ou consumidores. Outro estudo interessante publicado pelo USDA em março/26 é sobre o potencial que o mercado consumidor brasileiro vem desenvolvendo para o setor de especiais, o que pode fazer com que o crescimento da demanda no segundo maior consumidor de café do mundo volte a crescer de modo mais consistente. O relatório do USDA evidencia que o consumo de cafés especiais no Brasil cresce 15% ao ano, uma taxa de crescimento superior ao consumo geral, que conforme a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), diante o aumento dos preços, parece ter se estabilizado nos últimos anos, apresentando, inclusive, uma ligeira queda, de 2,31% em 2025, em relação a 2024. Todavia, a atual expectativa da ABIC é de que, no ano de 2026, haja uma recuperação no consumo, especialmente pelo fato de que o mercado de café espera uma safra maior que a do ano passado, o que deve arrefecer os preços e aquecer a demanda.

Embora ainda não tenha publicado seu relatório de exportações de março/25, de acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), no mês de fevereiro/25, o Brasil exportou 2,618 milhões de sacas de café, volume que implica queda de 23,54% em relação as 3,424 milhões de sacas embarcadas no mesmo mês de 2025. No primeiro bimestre de 2026, as remessas brasileiras de café ao exterior totalizam 5,410 milhões de sacas, volume que representa recuo de 27,3% frente aos dois primeiros meses do ano passado. De acordo com o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, o cenário de baixa nas exportações, neste ano, ocorre, principalmente, com os Arábica, cujas cotações vêm sofrendo queda acentuada e rápida na Bolsa de Nova York. Segundo ele, os fundos estão liquidando posições compradas substancialmente, antecipando uma disponibilidade bem maior do produto na próxima safra, cenário que, aliado ao recuo expressivo do dólar frente ao real e ao fato de os produtores, capitalizados, com remanescente ajustado da safra corrente, acaba por dosar a oferta brasileira a níveis não competitivos para novos negócios frente às demais origens. Embora muitos produtores brasileiros já tenham comercializado sua produção de 2025 integralmente, há aqueles que seguem adotando uma postura mais comedida para comercializar o que ainda lhes resta de café. Dados da Safras & Mercado com relação à comercialização de café no Brasil, indicam que, até 13 de março, 77%

do total produzido no país havia sido comercializado, um saldo bem menor do que o ciclo anterior (93%) e do que a média dos últimos cinco anos (87%).

A oferta física limitada na Colômbia também mantém os diferenciais de base elevados no terceiro maior produtor do mundo. Esse cenário de disponibilidade limitada induz os players locais à cautela, concentrando suas as atenções e seu planejamento operacional para a próxima safra prevista para se iniciar em outubro no país. Consequentemente, esse cenário dá maior sustentação no físico à vista, principalmente, para os cafés mais finos.

Os riscos climáticos seguem no radar. De acordo com a NOAA, há 62% de chance de El Niño se formar entre junho e agosto, probabilidade que salta para 80% ao longo do segundo semestre. O El Niño é um fenômeno que, geralmente, impacta o potencial produtivo em várias regiões do mundo. Para se ter uma visão mais ampla sobre os riscos do El Niño, basta recordar que no caso da cafeicultura, entre os anos de 2023 e 2024 (até abril/24), um El Niño se formou trazendo irregularidades climáticas que impactaram a safra de 2024, de um modo mais expressivo, no Vietnã e da Indonésia, duas importantes origens de cafés Canephoras, que sofreram frente a um quadro de chuvas escassas e temperaturas elevadas. No Brasil, esse mesmo El Niño também prejudicou a safra de 2024. A combinação de chuvas irregulares e temperaturas recordes em importantes regiões cafeeiras afetou inclusive as lavouras irrigadas, com um impacto ainda mais severo sobre as regiões dos Canephoras. Contudo, ainda é prematuro afirmar que o fenômeno em formação trará consequências severas à cafeicultura. A incerteza reside na intensidade do evento e na magnitude de seus impactos sobre os cinturões cafeeiros do mundo. Em entrevista à Safras News, o agrometeorologista da Rural Clima, Marco Antônio dos Santos, expôs que, embora um prognóstico mais exato a uma altura dessas seria mera especulação, ao analisar as imagens de satélite com anomalias de temperatura, é possível projetar o rumo que o clima deve tomar aqui no Brasil: as chuvas do primeiro semestre de 2026 não devem cessar tão cedo, o inverno deve ser com poucas ondas de frio e temperaturas acima da média e o início da primavera (setembro e outubro) deve ser com temperaturas mais amenas, não por ondas de frio, mas por excesso de dias chuvosos. Já o meteorologista Luiz Carlos Molion, alerta para um outro fato: apesar do El Niño que está se formando para o segundo semestre de 2026 apontar para um inverno mais ameno, é possível que um acumulo de ar frio na Antártida resulte em um inverno com entradas de massas de ar polar mais intensas atingindo desde o Sul do país até o Sul de Minas.

As tensões geopolíticas no Oriente Médio permanecem em evidência, elevando as incertezas e a volatilidade. Os gargalos logísticos e econômicos derivados do conflito adicionam um prêmio de risco às cotações internacionais do café. Enquanto o mercado monitora as negociações de um possível cessar-fogo, a falta de clareza, acentuada por informações contraditórias e pela postura instável de Donald Trump, leva os operadores a sustentar o prêmio de risco em patamares elevados. Além disso, na maioria das vezes, a alta do petróleo também atua como um vetor de suporte para os preços das demais commodities, incluindo o café.

Refletindo esse cenário, os preços do Arábica encontraram suporte no reposicionamento das carteiras dos fundos de investimentos e especuladores cujo saldo líquido comprado em contratos futuros subiu ao final do 1º trimestre. Frente à elevada instabilidade do mercado, os fundos fecharam o 1º trimestre ampliando sua exposição comprada na Bolsa de NY. Se no mês de fevereiro, o saldo líquido comprado dos fundos em futuros foi abaixo de 15.000 contratos, dados do CFTC (Comissão de Negociação de Futuros de Commodities) apontam que, no último dia de março, o saldo saltou para 25.056 contratos.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No 1º trimestre de 2026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), após atingir a máxima de 363,30 cents/lb na primeira semana do ano, o café Arábica cedeu e encerrou o trimestre com fechamento em 298,35 cents/lb. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que chegou a ser negociado na máxima de USD 4.248,00/ton ao final do mês de janeiro, de modo similar ao Arábica, também cedeu e encerrou o trimestre com fechamento em USD 3.493,00,00/ton. A seguir, os fatores que pressionaram os preços no decorrer do 1º trimestre do ano com algumas possibilidades futuras.

Dentre os fatores determinantes para os preços nos próximos meses, além do desenrolar do conflito no Oriente Médio que vem trazendo muita agitação ao cenário econômico global, a iminência de uma safra recorde no Brasil vem se consolidando cada vez mais como o principal vetor para os preços do café. Nesse contexto, apesar dos níveis de estoques de passagem alarmantes, dificilmente os preços do café resistirão à pressão de uma safra recorde no maior produtor do mundo. No mês de fevereiro, a Conab publicou sua primeira estimativa para a safra brasileira deste ano. Segundo a entidade, a safra de 2026 deve superar a anterior em 17,07%, atingindo o recorde de 66,19 milhões de sacas frente às 56,54 milhões produzidas em 2025. No caso do Arábica, a Conab projeta um salto de 23,29% na produção de 2026, elevando o volume de 35,76 milhões para 44,09 milhões de sacas, enquanto a projeção para o Canephora, é de um incremento de 6,37%, saindo de um patamar de 20,77 milhões em 2025 para 22,10 milhões de sacas em 2026. Além da Conab, diversas projeções apontam para uma safra recorde no Brasil em 2026, com volumes que podem ultrapassar a marca de 70 milhões de sacas. Confira algumas delas: Sucden – 72,5 milhões / Hedgepoint – entre 71 e 74,4 milhões / Comexim – 7,10 milhões / Eisa – 75,8 milhões / Marex – 75,9 milhões / Safras & Mercado – 71,00 milhões / Itaú BBA – 69,3 milhões / Sucafina – 75,4 milhões. Há ainda, algumas fontes que, diante um quadro climático favorável recentemente, ajustaram positivamente seus números preliminares, tal como a StoneX, cuja primeira estimativa apontava 70,7 milhões de sacas e foi revisada no mês de março para 75,3 milhões de sacas. De acordo com o relatório da StoneX, ainda que a produtividade do café Arábica oscile em determinadas regiões na safra 2026/27, o desempenho produtivo do país é garantido por fatores estruturais determinantes: regiões com boa recuperação produtiva, especialmente após a forte quebra da safra passada; entrada de novas áreas em produção, resultado da expansão do parque cafeeiro nos últimos anos; forte desempenho dos canephoras, que vem sustentando o crescimento da produção nacional; renovação estrutural das lavouras, com modernização do sistema de plantio como arranjos mais adensado e novas cultivares, garantindo maior produtividade.

Os preços nas principais Bolsas de café do mundo seguem no padrão invertido, com cotações mais distantes menos valorizadas do que os vencimentos mais curtos e o à vista. Tal disparidade é fundamentada principalmente pela expectativa de oferta ampla com a entrada da nova safra brasileira. Essa dinâmica pode ser observada tanto no diferencial de preços dos diferentes meses de vencimentos nas Bolsas de NY e de Londres quanto nos spreads do mercado físico (à vista vs. a termo). Para se ter melhor noção, no mercado físico, o spread/diferencial entre o mercado à vista e a safra nova situa-se próximo de R$ 400,00, com o mercado à vista pagando algo em torno de R$ 1.950,00 a R$ 2.000,00 em um Arábica tipo 6/7 bebida dura, enquanto o mercado a termo para o mesmo padrão, com entrega para o segundo semestre de 2026 vem girando em torno de R$ 1.550,00 a R$ 1.600,00. Além disso, os diferenciais de base (FOB Santos Vs. Ice Futures US) seguem bem mais valorizados no disponível (à vista) do que no futuro, o que leva os

exportadores a concentrar seus esforços mais para o segundo semestre, onde tanto as cotações como os diferenciais de base estão menos valorizados. Apenas para se ter melhor noção, um padrão de exportação Good Cup, tipo 3/4, MTGB (14/16) que, ao final de março, estava sendo negociado com o basis a +5,00 cents/lb no disponível, para a safra futura estava girando em torno de -20,00 cents/lb, uma diferença de -15,00 cents/lb, que, somando-se a um câmbio em torno R$ 5,20/USD, acarreta um diferencial de aproximadamente R$ 100,00 (apenas no Basis). Recentemente, diante determinadas oportunidades pontuais que o mercado propôs e do hiato entre os preços à vista e futuro, foi possível observar uma postura mais ativa do produtor no mercado físico à vista, enquanto os compradores permanecem retraídos. Apesar desta postura recente mais ativa dos produtores no mercado à vista (disponível), é importante notar que no balanço geral do 1º trimestre, dados apontam um posicionamento mais comedido do produtor em vender, não somente o que lhes resta de café da safra passada (conforme dados expostos acima), mas principalmente o café que ainda colherão esse ano haja vista que as travas futuras estão propondo valores bem abaixo dos preços à vista. E, dada a necessidade de caixa para o custeio da colheita e outras despesas típicas do segundo semestre, esse cenário pode elevar a oferta brasileira na 'boca da safra', intensificando a pressão sobre as cotações. Em linhas gerais, no que tange os fundamentos de oferta e demanda, é preciso muita atenção à safra brasileira de 2026, pois, sem intercorrências climáticas até a transição entre as safras, o cenário de correção negativa de preços pode ganhar mais força.

Na Bolsa de Londres, é importante ressaltar que as cotações sofrem maior pressão diante três fatores: o início da colheita dos canephoras no Brasil que tende a se intensificar em abril, a chegada da safra da Indonésia que geralmente se inicia também no mês de abril e um maior fluxo de abastecimento do Vietnã que, no 1º trimestre desse ano, exportou 14% a mais do que no mesmo período do ano passado.

No cenário econômico brasileiro, no mês de março, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central reduziu a taxa de juros de 15% para 14,75% ao ano. Previamente ao acirramento das tensões no Irã, o consenso apontava para uma redução de 0,5% na Selic. Contudo, o Copom avalia que o cenário atual demanda perseverança, firmeza e serenidade, sinalizando a necessidade de uma política monetária mais restritiva e que pode demandar mais tempo do que o previsto anteriormente. De acordo com a ata do Copom, a decisão foi pautada na atual conjuntura, marcada pela imprevisibilidade geopolítica e por sinais mistos na economia brasileira, fatores que impedem uma leitura precisa das tendências de mercado. Em reflexo de todo esse contexto, o Relatório Focus registrou uma elevação nas expectativas de mercado para a inflação e os juros, estimando o IPCA em 4,5% e a Selic em 12,50% para o final de 2026. Em contrapartida, as projeções para o PIB e o câmbio sofreram leves ajustes negativos, convergindo para 1,81% e R$ 5,38, respectivamente. No mercado físico brasileiro, a recente queda do dólar, que iniciou o mês de abril próximo dos níveis de R$ 5,15, pressiona ainda mais os preços. A guerra no Oriente Médio, com inúmeras idas e vindas (ora declarações sobre a possibilidade de cessar fogo, ora declarações que podem ocasionar uma escalada no conflito), deve seguir alimentando a instabilidade cambial e a aversão ao risco por parte dos investidores, aumentando assim a volatilidade do mercado. No cenário econômico global, a leitura é mais complexa ainda. Nos Estados Unidos, o Federal Reserve (FED) decidiu manter as taxas de juros inalteradas, na faixa de 3,5% a 3,75% pela segunda reunião consecutiva, afirmando que a incerteza sobre as perspectivas econômicas permanece elevada. De acordo com o presidente do FED, Jerome Powell, os desdobramentos do conflito no Oriente Médio sobre a economia americana permanecem imprevisíveis. Embora o aumento dos preços da energia deva exercer pressão

inflacionária no curto prazo, ainda é muito cedo para saber o alcance e a duração dos potenciais efeitos sobre a economia. Vale ressaltar também que, no mês de fevereiro, a nova rodada tarifária agravou a pressão sobre consumidores americanos, ampliando as incertezas econômicas, o que acabou contribuindo para mais um período de fraqueza do dólar. Por ora, a única certeza é que se por um lado, a insegurança dos players de mercado tende a manter o prêmio pago na saca de café pelo risco logístico e financeiro elevado, por outro lado, o sentimento de aversão ao risco gerado é sempre negativo para os preços do café que é considerado um ativo de risco nas principais Bolsas de café do mundo.

Como pode-se observar no gráfico da primeira página, tecnicamente, o mercado superou os suportes, não somente de curto prazo, mas de médio e longo prazo, consolidando o atual cenário baixista. A desvalorização do dólar, somada às tensões persistentes no Oriente Médio, segue mantendo as cotações sustentadas acima de 280,00 cents/lb. Quaisquer adversidades climáticas podem levar o mercado a romper as resistências de 9, 21, 50 e, até mesmo de 100 períodos, estabelecida em 336,95 cents/lb. Do contrário, sem a materialização desse gatilho climático, a busca por esses patamares na Bolsa de NY torna-se improvável e novos fundos tendem a ser testados brevemente.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Apesar dos fatores de sustentação abordados no início deste relatório, é preciso muita cautela, pois, neste primeiro semestre de 2026, o mercado já começou a precificar o próximo ciclo, cujas perspectivas de oferta seguem bem positivas. Assim como a Conab, diversas empresas e consultorias (como citado no Raio-X do Mercado Procafé) já estimam uma produção brasileira recorde para 2026. E, com um cenário climático mais favorável nos primeiros meses de 2026, alguns já começam a revisar suas estimativas recordes iniciais para cima, o que tende a pressionar os preços ainda mais. Muito embora os estoques de passagem ao final do atual ciclo representem um nível extremamente crítico, é difícil imaginar uma safra recorde no Brasil sem derrubar os preços. Se por um lado existe otimismo com a produção, por outro, o sentimento do mercado é de pessimismo com os preços, sentimento que, muito provavelmente poderia se reverter com maior consistência, apenas diante um surto climático. Neste contexto, ao considerar o custo médio de produção, é possível se dizer que os preços no mercado físico à vista seguem interessantes, propondo uma boa margem para os poucos que ainda possuem café. Já os preços futuros seguem menos atraentes reforçando expectativa de amenização do atual cenário de escassez com a chegada de uma próxima safra brasileira volumosa. Ainda assim, é importante ponderar que, se os riscos do inverno brasileiro não se consumarem em fato (torçamos para que não) é provável que a queda se intensifique. Diante da atual conjuntura do mercado de café, a estratégia mais prudente é participar do mercado, aproveitando as janelas de oportunidade trazidas pelos riscos do inverno brasileiro. O foco deve ser garantir margens e proteção contra quedas mais acentuadas, sem comprometer o potencial de ganho em caso de valorizações por surtos climáticos.

Varginha, 07 de abril de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé